Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

UMA LEITURA DO PROJETO ESTÉTICO DE MIRIAM ALVES

Florentina da Silva Souza (UFBA)
Professora titular da Universidade Federal da Bahia,
atua no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura,
do Departamento de Letras na mesma instituição.
É líder do projeto de pesquisa EtniCidades- ILUFBA

RESUMO

A partir da leitura de algumas obras da escritora Miriam Alves, proponho-me a comentar algumas constantes de sua textualidade que podem ser consideradas linhas básicas do seu projeto de produção de uma literatura afro-brasileira. Para tanto, dialogarei com seus textos e também com proposições analítico-críticas de autoria negra e abordarei o modo como romance Mareia parece sintetizar seu projeto estético.

Palavras-Chave: Literatura afro-brasileira; Miriam Alves; Projeto Estético.

ABSTRACT

Based on a reading of selected works by writer Miriam Alves, I aim to discuss recurring elements in her writing that can be considered fundamental to her project of creating Afro-Brazilian literature. To this end, I will engage in a dialogue with her texts as well as with analytical-critical perspectives by Black authors, and I will examine how the novel *Mareia* appears to synthesize her aesthetic project.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Miriam Alves; Aesthetic project.

Miriam Alves é nome artístico de Miriam Aparecida Alves, (1952), nascida em São Paulo, poeta, contista, romancista, dramaturga e ensaísta. Desde criança escrevia, mas somente iniciou a publicação de poemas a partir do número 5 dos Cadernos Negros em 1982; no mesmo ano, publicou o primeiro livro de poemas Momentos de busca; em 1985 Estrelas nos dedos e em 1988 a peça Terramara em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti; os contos de Mulher mat(r)iz são de 2011; o conjunto de ensaios BrasilAfro autorrevelado de 2010; e os romances Bará de 2015 e Maréia 2019. A escritora tem vários ensaios e entrevistas em jornais e revistas. Integrou o movimento Quilombhoje -Literatura de 1980 a 1989, e participa de vários eventos sobre literatura negra, literatura feminina em Universidades no Brasil e no exterior. Seus poemas foram traduzidos para várias línguas em diversas antologias, algumas das quais por ela organizadas. A literatura de Miriam Alves tem sido tema de teses, dissertações, artigos e ensaios que desenvolvem análises críticas sobre aspectos variados de sua obra. Em 2022. parte de sua produção publicada no livro Poemas reunidos com mais de 250 poemas que abarcam a produção de mais de 40 anos de criação literária.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Pelos dados de sua carreira que alinhavei acima, constata-se uma caminhada crítico- literária e performativa entre gêneros e temáticas que vão desde as relações amorosas, tradições afro-diaspóricas, história e cultura das pessoas negras no Brasil, erotismos e sexualidade. Crítica incisiva do epistemicídio, racismo e vários tipos de discriminações, a sua extensa obra constitui um mapa literário crítico da vida histórica e cultural brasileira sob a perspectiva de uma mulher negra. A história do país é contada e recontada, passeando pelo passado e presente, escavando e revisando aspectos silenciados de nossa histórica atuação. É assim que nos idos dos anos 1986, nos Cadernos Negros, n.13, publica o já antológico poema Mahin amanhã que, em conflito com a narrativa histórica hegemonizada, ressalta a participação ativa de mulheres negras e de grupos negros diversos na revolta dos Malês que ocorreu em Salvador no ano de 1835:

> Ouve-se nos cantos a conspiração
> vozes baixas sussurram frases precisas
> escorre nos becos a lâmina das adagas
> Multidão tropeça nas pedras
> Revolta
> há revoada de pássaros
> sussurro, sussurro:
> “é amanhã, é amanhã.
> Mahin falou, é amanhã”
> A cidade toda se prepara
> Malês
> bantus
> geges
> nagôs
> vestes coloridas resguardam esperanças
> aguardam a luta
> Arma-se a grande derrubada branca
> a luta é tramada na língua dos Orixás
> é aminhã, aminhã”
> sussurram
> Malês
> bantus
> geges
> nagôs
> “é aminhã, Luiza Mahin falô”
>
> (Cadernos Negros: os melhores poemas, 1998, p.104)

Durante décadas, as rebeliões negras não obtiveram destaque na maioria das narrativas históricas interessadas em fixar um imaginário de submissão e passividade negras à violência escravagista. Rasurando tal imaginário e valendo-se da possibilidade de fabular, a poeta realiza jogos com a linguagem - a seleção das palavras, sua disposição no texto - entre outros recursos que, além de melódicos, sugerem ter sido a revolta urdida em segredo (“na língua dos Orixás”) E com participação ativa de mulheres negras, usando a “visão profética do passado” - como sugere Glissant, ela une grupos étnicos diferentes e enfatiza a participação ativa das mulheres na rebelião. Segundo o autor martiniquenho:

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

> O passado não deve somente ser recomposto de maneira objetiva (ou mesmo subjetiva) pelo historiador. Deve também ser sonhado de maneira profética, paras as pessoas, comunidades e culturas cujo passado, justamente, foi ocultado" Glissant, (Introdução a uma poética,) 2005, p. 102)

Como intérprete do Brasil, Miriam Alves nos interpela a refletir sobre o papel das mulheres negras na construção do país; insere-se na vertente que eu denomino, "outras interpretações do Brasil" - Interpretações que se valem das histórias não contadas e silenciadas sobre as insurgências, os afetos, as preservações, acolhimentos, curas, os imaginários propiciados por mulheres negras como forma de resistência à brutalidade e ao terror da escravização e do racismo. No tempo presente, encontramos consolidadas várias propostas de interpretação do país, a maioria delas de autoria de homens brancos, oriundos de classes mais ou menos privilegiadas, cuja ótica não é a mesma de pessoas negras, principalmente de mulheres, que leem a cultura e a história do Brasil a partir de experiência diversificada *marcadas pela interseccionalidade*[1]. Nas interpretações oficiais são omitidas ou menosprezadas as atuações das mulheres, seja na literatura, na política, na economia, na cultura e várias áreas do conhecimento; enquanto as tensões e violências decorrentes da escravização, do racismo e do sexismo, por exemplo, são "amaciadas," e as insurgências silenciadas. Em Males e Malês, dialogando com o poema acima, assim se posiciona a voz poética:

MALES E MALÊS

Quero falar de Malês
Não quero falar de Complexo nem do Alemão
Não estou maleando minhas emoções
Quero entrar na contramão
Voando de asas-deltas por sobre
O blindado e o canhão
A tropa que esteve no Haiti
Agora aqui invadindo vidas

Posando de mocinho nos noticiários
Cenário espetáculo
do desamparo desemprego social
apartheid à brasileira
impondo mais uma vez
a democracia racial
Na preparação eugenista do circo da Copa

1 A categoria interseccionalidade tem sido bastante discutida contemporaneamente apontada como crucial para entendermos os modos como a tradição ocidental procedeu o entrecruzamento de categorias discriminatórias entre elas, o racismo e o sexismo. A esse respeito, veja-se o livro I*nterseccionalide* de autoria de Patrícia Collins, Sirma Birge e Winnie Bueno.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Eu não quero falar de males
Quero falar de Malês
Voando de asas coloridas deltas
nas cores pretas e vermelhas

Quero exuziar
Extravasar
Destronar estas mentiras
Atirando a revolta a resistência a insistência
de continuar a viver e parir filhos na pátria que me
enjeita (*Poemas reunidos*, 2022 p.)

A poeta joga com a similaridade dos significantes (males / malês) para sugerir de um lado, permanência da violência na contemporaneidade e de outro, as insubmissões das pessoas negras no desejo de dar continuidade a suas vidas e histórias. Não deixa de apontar as mazelas da violência policial, do genocídio sistemático de jovens, nem as diversas facetas do racismo que persistem até hoje. Porém deseja enfatizar, a partir da evocação da revolta dos malês, as reexistências históricas performadas pelas pessoas negras na contemporaneidade – as gingas usadas para evitar ou minimizar os golpes do terrosr . O conhecimento ancestral é convocado a fim de comunicar outras vertentes da história ("quero exuziar"), para falar das estratégias das pessoas negras em diáspora para resistir ao brutal processo de desumanização. A figura de exu, como dono dos caminhos e da interpretação, realça a perspectiva insurgente da história que a voz poética prioriza. Criticando versões do presente e do passado, elege a revolta da malês como momento chave inspirador para as histórias de luta e inventividade - Uma outra interpretação da história das pessoas negras no Brasil.

Outras interpretações propostas por escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento também estão inseridas em uma tradição de leitura voltada para tirar do sossego os arquivos, observar os silêncios e os gritos dos documentos e das experiências que foram sufocados pela imposição de uma história na qual no máximo somos, pessoas negras, apresentadas como coadjuvantes secundárias quando não meras peças do mobiliário de discursos históricos e artísticos.

Nesse contexto, a obra de Miriam Alves cria sujeitas poéticas e personagens que possuem corpo, voz, mente, espírito e performam/performaram suas experiências cotidianas na realidade do país.

O livro *Criação crioula, nu elefante branco* editado pelo comissão organizadora do I Encontro de poetas e ficcionistas Negros Brasileiros de São Paulo, realizado em setembro de 1985 e publicado em 1987, tem a escritora Miriam Alves como responsável pela transcrição das fitas cassetes das palestras e debates do evento. Composta de 20 textos, um quarto deles escrito por mulheres, a coletânea expõe pensamentos críticos sobre a autoria literária negra. Mirian publica o texto intitulado O discurso. Ali, fala do seu encontro com o volume 1 dos *Cadernos Negros* (1978, p. 83) e o modo como, a partir

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

dele, se encontrou como escritora e também encontrou lugar para sua poesia. Em texto no qual seu viés crítico aparece fortemente, a poeta antecipa algumas das questões presentes nos debates atuais. Ela se posiciona como autora de outra interpretação do país e amplamente interrelaciona economia, política, história cultura e relações raciais em tempo nos quais a esquerda insistia na exclusiva primazia de classe.

> Ressalto nesta produção o ato político. (....) Falo do ato política que praticamos, escrevendo-nos em nossa visão de mundo. Quando digo nossa, falo Brasil e toda questão econômico-político - histórico-cultural e relacionamentos plurirraciais que permeiam. Nossa produção reflete isto." (1987, p. 84)

Tal compreensão de sua textualidade como ato político aparece em mais de uma das várias entrevistas concedidas pela autora. Por outro lado, pesquisa e desejo de apreensão da palavra, no sentido amplo, aparecem como um objetivo insistentemente almejado; em uma das entrevistas concedidas em abril de 2022 afirma: Eu não domino todas as técnicas, mas gosto de perseguir"[2]. Podemos sim antecipar desde já que uma das facetas de seu projeto literário se constitui neste embate entre o político e o estético.

Compondo a produção literária negras do século XX e XXI, desde publicações da "editora do autor" até publicações de editoras bem reconhecidas no mercado editorial, ela vem destacando a preocupação com a linguagem. No volume 7 dos *Cadernos negros* publica 7 poemas que reiteram a diversidade de sua poética. Em uma prosa poética de auto apresentação, com epígrafe de Clarice Lispector, propõe a definição de seu trabalho poético: "Faço poemas. Na verdade, procuro palavras para um poema" e a partir de então vai enumerando alguns dos objetos de sua procura: ruas, mãos de pedintes, revoltas passeata, sorriso, olha da criança descalça, repique do samba, multidão, etc. e conclui; "Palavras para um poema: Procuro-as e às vezes as encontro. escondendo-se de mim no meu casaco." (1984, p. 98) Poética de resistência, de combate, de pesquisa, de investimento na palavra; poética voltada para a cultura afro-diaspórica, mas também interessada nos problemas que afligem as pessoas pretas e pobres das ruas e periferias de São Paulo e do Brasil, interessada em denunciar as mazelas e violência do racismo e das desigualdade e capaz de aprender com o sorriso da criança e acreditar na possibilidade de criar outro Brasil.

Já no número 9 dos *Cadernos*, são 11 poemas em que a linguagem, a sonoridade dos versos, a preocupação com a forma se destaca desde pequenos exercícios como na última estrofe do poema Cobertores em que além da musicalidade buscada, joga com as palavras no espaço da página.

Está frio
estremeçooo
o
o
o
Vulcão explodiu *(CN9, p.43)*

2 Disponível em https://www.bpp.pr.gov.br/candido/2022/04/entrevista-miriam-alves. Acesso em agosto de 2024.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Em 1985, a autora criou o pseudônimo, Zula Gibi para publicar escritos homoafetivos, vez que sentia resistência, mesmo no interior dos movimentos negros, para a aceitação de textos com essa temática, principalmente os escritos por mulheres.

Para a escritora, com já o referi, toda sua escrita se constitui ato político que transita entre a historicidade e a ancestralidade sem estabelecer hierarquias ou fixidez, um deslizar entre presente, passado e futuro que leio como outro aspecto do projeto literário de Miriam Alves.

Os sonhos e desejos individuais e coletivo compõem o material para produção literária, vou destacar dois importantes veios do projeto literário que vão se cruzar no romance *Mareia*. Os poemas sobre Luiza Mahin e sobre a história do MNU parecem construir uma linhagem estética reencenada em textos e entrevistas. O desejo de evidenciar que a fundação dos *Cadernos negros* e do MNU, na mesma década, tem um significado importante para sua produção é sempre destacado - Dois movimentos políticos com alguns participantes em comum, que caminham paralelamente, mas que se cruzam em vários momentos.

Lélia Gonzalez no livro *Patrulhas ideológicas aborda* o debate no interior do movimento negro entre proeminência de questões culturais e questões políticas. Naquela altura, alguns participantes queriam separar o inseparável, não foi o caso de Miram que desde sempre estabeleceu a suas relações como política no sentido mais amplo do termo. Um posicionamento que vinha sendo assumido no interior de movimentos de mulheres negras com atestam textos de Lélia Gonzalez, por exemplo.

Nos vários contos publicados, as mulheres negras aparecem como personagens que são donas de si, de seus corpos, de seus desejos, vontades e de seus amores. O que não significa desatenção ao fato de que tal insubmissão aos valores e lugares pré fixados, por vezes, redunde em dor e violência; porém, a insubmissão, também traz prazer e sentido de agência tão evidentes nas falas e textos da autora. Segundo bell hooks, quando a mulher ergue sua voz, seu corpo, instaura-se um ato revolucionário que tenta romper com as imposições de silêncio perpetradas contra as mulheres, especialmente as mulheres negras. O que pode ser entendido como uma luta para "deslocar-se de objeto para sujeito, expressa-se no esforço de estabelecer uma voz libertadora." (2019, p. 50) e ainda pontua hooks: "É preciso entender que a voz libertadora irá necessariamente confrontar, incomodar, exigir que ouvintes até modifiquem as maneiras de ouvir e de ser (2019, p.53) A autora Miriam Alves em contos poemas e romances ergue sua voz altiva para lançar outros olhares sobre os anseios e desejos de mulheres negras. A voz liberta, viaja em liberdade rumo ao futuro como sugere o poema Criar asas publicado em *Maréia*:

> Chorar não dá mais tempo
> Salmoura do mar

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Cicatrizaram feridas
Os corpos espalhados pelo Atlântico
Criam asas
Criaram asas
O vento elevou as asas
Juntam-se várias pétalas
Espalham semente de nós
Fertilizadas na existência
A memória no azul
Memorial azul
A chuva rega sonhos
Chorar não dá mais tempo
As sementes se espalham
Fortalecidas pela terra
Mãe da vida
Filhos paridos no solo
No solo
Consolo da esperança
A sonoridade espalha
Espanta o desalento
O alento se faz
Futuro e canções
Presente, passado, futuro
(...) Mareia, 2019, p.154)

A voz poética usa a imagem do voo como metáfora para a libertação das amarras de imagens de controle fixadas para a mulher pela tradição hegemônica. Estabelecendo um tempo de ação; "chorar não dá mais tempo", os corpos negros voam, dispersam-se e forjam outras possibilidades de vida. Em diáspora, os corpos e mentes vão criar outras memórias, circulando por mares e céus (imagens tão fortes para as histórias das pessoas negras diaspóricas) . Assim, Miriam Alves apodera-se de palavras e sentidos para forjar sujeitas e sujeitos poéticas capazes de recontar suas histórias e abalar verdades estabelecidas. - Propor autodefinições, diria Patricia Collins.

A pesquisadora e professora Fernanda Miranda, no seu livro, *Silêncios prescritos;* estudos de romances de autoras negras brasileiras, oriundo de sua tese de doutorado defendida em 2019, chama atenção para a escassa produção de romances de autoria de mulheres negras e lista ao final do livro uma série de romances e autoras publicadas à quela altura. Hoje, 7 anos depois, já encontramos um número bem maior de autoras negras que investem no gênero romanesco. Entretanto, ainda continuam poucos os títulos em comparação com outros gêneros.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Miriam Alves nos presenteia com dois romances, *Bará* e *Maréia*, todos eles investem de certo modo no universo cotidiano de famílias negras, envolvendo também o clima de encantamento, mistério e segredo que caracteriza a cultura negra diaspórica. Segundo A filosofa Albenia Machado e o filósofo Eduardo Oliveira (2022), ao forjarem paradigmas de ressignificação e artes de resistir, as pessoas africanas garantiram a permanência do encantamento em suas vidas. As divindades, a cosmovisão foram performadas de modo que, mesmo em contato forçado com as tradições ocidentais, o encantamento permanecesse no culto à ancestralidade que organiza o cosmo e fundamenta as percepções africanas na diáspora. Os autores pensam " filosofia desde a ancestralidade africana que tece e é tecida por práxis de libertação, re-conhecimento, respeito e acolhimento de encantamento". (2022, p.17)

No romance *Maréia*, publicado em 2019, o encantamento, a ancestralidade, a crítica criativa à colonialidade, o destemor e o desejo se fundem para a construção de 15 capítulos nos quais a narradora constrói histórias aparentemente paralelas, com personagens de procedências diversas, legados familiares também diversos e que, pelas linhas da magia e do encantamento, terminam por "resolver" enigmas ancestrais. O romance parece reiterar o desejo expresso no texto Malês Males anteriormente citado – sem fechar os olhos para a violência cotidiana que visa a desumanização das pessoas negras, interessa realçar a agência e insurgência de mulheres negras, suas conquistas e vitórias diante das tentativas desumanizantes. Essa filosofia pode ser lida a partir do romance em foco.

A palavra enigma e outras de significantes próximos aparece em vários momentos como a procurar entender as moléstias que acometem a família Menezes de Albuquerque e os sonhos de Mareia a respeito das histórias da família. Duas famílias de origem étnica diferente mas que o horror da escravização manteve a diferença mas forçou a proximidade. A história da família de Maréia transcende os limites consanguíneos, seguindo uma tradição diaspórica da família estendida, seus avós acolhem Caciana, criada como filha a quem Maréia chama de tia e, posteriormente, Mareia faz das gêmeas parte do seu grupo musical. Anaya e Odara, instrumentistas negras passam a compor com Maréia o grupo e direção da escola que tem o nome Clave de Sol (a clave considerada feminina no contexto musical). Além de Mareia outras mulheres negras assumem o protagonismo do enredo, os homens 'marujos' além de estarem sempre em viagem, são tragados pelo mar antes das vitórias obtidas por Mareia. São elas, avó, mãe, tia, amigas que levam as narrativas (a história ?) adiante e terminam felizes, contribuindo para a concretização dos sonhos de Maréia e, por extensão, da agência negra feminina.

A personagem principal que dá nome ao romance, herdeira do músico negro Ibiracy do Pífano, seu bisavô, cuja foto está na cômoda do seu quarto, "conectava-se com um legado ancestral: " Maréia agradecia por ser herdeira da inclinação musical de seus antepassados, reavivar recordações ..." (2019,p. 29. A história da família de Maréia sempre contada pelo avô, pelo pai e, posteriormente, pelas mulheres da família remonta a um passado ancestral de bens materiais e simbólicos saqueados e

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

que a tradição ancestral, através de relatos orais, reitera que voltarão de alguma forma aos seus verdadeiros donos: "Aquilo que nos pertence continua sendo nosso, mesmo não estando em nosso poder" (p.56 e p.72) Tal ideia é repetida pelos personagens que não explicitam objetivamente a que se referem – o que nos habilita a imaginar que "aquilo que nos pertence" pode abarcar toda a grandiosidade da história e cultura negras ancestrais apropriadas, silenciadas e/ou depreciadas.

Nessa atitude de narrar histórias, guardar encantamentos, produzir música (outra modalidade de narrativa) consiste um dos elementos que garantiram às pessoas negras não sucumbir à desumanização. A fuga da coisificação, fuga concreta e simbólica, como ilustram os remanescentes de quilombos, e a existência dos rituais religiosos e de devoção do candomblé e das várias religiosidades de matrizes africanas e, contemporaneamente, a produção criativa de artistas jovens ou não performada em várias linguagens.

São várias as imagens explicitadas pela narrativa que nos conduzem a aspectos criativos de nosso imaginário de pessoas negras na diáspora. Desde o nome do avô (Marílio) e da neta (Maréia), que contêm em si o mar, imagem intransponível quando se fala de afro-diáspora, passando pelo fato de o avô e o pai da Maréia serem marinheiros e terminarem sendo tragados pelo mar – passando ainda por imagens de mar, viagens e navios as quais, sem sombra de dúvida reiteram facetas da história de pessoas negras - O Atlântico Negro. Por outro lado, elementos como música, oralidade, tradições e riquezas ancestrais, que também permeiam a narrativa, fundem corpo, música, ancestralidade e encantamento, no sentido acima mencionado.

Stuart Hall, antológico crítico jamaicano, ao analisar as culturas negras e ressaltar as estratégias usadas pelas pessoas negras para garantir sua existência, nas quais se sobressaem a criatividade, a contestação e tentativas de deslocar disposições de poder mesmo em situações mais adversas, afirma no texto Que "negro" é esse na cultura negra ? que as mesmas, na diáspora, fazem do estilo, do corpo e da música elementos centrais das tradições culturais negras as quais, desse modo, forjam outros modos de representação de si - "essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos (sic) como em telas de representação." (2003, p.342) O romance em foco cria uma estratégia de construção de narrativas em paralelo que ao final convergem para criar espaço para as tradições negras e embora marcadas pelos contatos com a tradição hegemônica, se reconfiguram e tornam-se presenças vitoriosas em seus projetos, nas performances que criam – tornam-se donas da narrativa.

A personagem Maréia tem suas ações marcadas por uma relação de eroticidade para com a vida. Decerto modo a construção da personagem dialoga com entendimento da autora Audre Lorde sobre o erótico. Segundo ela, o erótico faz parte da vida humana e compõe conhecimentos humanos mais profundos, no entanto e por muito tempo foi negada às mulheres essa dimensão da auto consciência.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Afirma Lorde: "Então somos ensinadas a dissociar a demanda erótica da maioria das áreas vitais das nossas vidas, com exceção do sexo" (2019, p.69) Maréia busca ver no prazer das coisas cotidianas e do trabalho um mecanismo/ ferramenta de empoderamento e de produção de energia para enfrentar de modo criativo o racismo e o sexismo , por exemplo.

O modo como se banha e se veste para participar de uma prova de audição, a maneira como se deita curtindo a maciez dos lençóis e da cama, como aprecia a natureza ou toca a flauta e o violoncelo - tudo é envolvido por um tom de eroticidade que passa pelo físico e psíquico e contribui para o êxito da personagem, motivando-a a vencer pequenos e grandes obstáculos, a exemplo de um dos momentos em que toca o violoncelo:

> Sentou-se na banqueta, encaixou-o entre os joelhos, encostou o peito na parte superior, anatomia curvilínea do instrumento harmonizava-se com suave sensualidade ao seu corpo esquio de mulher. O friccionou com a vareta do arco, ele que emite toda gama de timbre da voz humana soou como um gemido de prazer. (...) Atentou na especial importância em buscar o gestual ideal, sentir a harmonia perfeita, concentrou-se, tocou. Meneava a cabeça, roçava os joelhos no corpo do cello, as notas adquirindo vida própria (...) reencontrava-se na melodia, como quem abraça um ente querido, realizava-se um ato de amor e completude, suavidade e vigor. (2019, p. 30)

As pesquisas e estudos da personagem Mareia versam sobre compositores do passado a exemplo do Pe José Mauricio, maestro e compositor negro do século XIX, "seu parente remoto" cuja obra deseja levar para frente da sua cena musical e a música como o Réquiem a marujada entre outras que eram tocadas nos serões regadas ao zungu preparado pelas mulheres da casa atestam o desejo de recontar a história do povo negro no processo de construção da cultura do Brasil. Ou seja, todas atuações das personagens performam o desejo de forjar outra interpretação da colonialidade e construir nosso passado a partir de outra leitura do mesmo.

Ao lado da história da família de Mareia, a história de outra família comparece no romance, marcando grande diferença da primeira. A família Medeiros de Albuquerque, branca, cuja riqueza é construída pelo saque e comércio de pessoas: "acreditar mais nas coisas que poder ia obter, conquistar, acumular era uma tradição de família que remontava a várias gerações, dúvidas e angústias que sobrecarregavam suas existências", não possui a alegria, o prazer da vida, nem obtém as realizações da família de Maréia. Misteriosamente, morte e doença acompanham a saga do grupo chefiado por Dom Alfonso. Morre o filho, o neto Augusto, (herdeiro escolhido) morre a neta, enlouquece a nora e resta Alfredo, o neto sensível, que sofre de inexplicável sudorese. Diante da perda da família e antes de ser encontrado morto o avô

> ...sempre considerou que a maldição rogada aos seus ancestrais, conquistadores dos povoados dominados, não passava de sandices, prova de ignorância. Argumentava, de si para si, com frequência, como um mantra de autoconvencimento: 'Isto só comprova o misticismo atrasado de um povo inculto que merecia ser subjugada, nada mais.'" (2019, p.44)

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Diferente da família de Maréia, a vida dos Albuquerques, embora sem problemas financeiros, se constituía de perdas e medos e angústia paralisantes.

Ao final da narrativa, Mareia e as irmãs gêmeas, sócias na escola Clave de Sol, criam a Orquestra de Câmara Encantos das Águas que realiza concerto no teatro municipal sob patrocínio da Fundação de Incentivo Cultural presidida por Alfredo que, mesmo não acreditando na maldição que recai sobre sua família, decide doar à maestrina e sua escola o medalhão que seu avô considerava de mau augúrio: " não confiava em maldições, assim como Dom Alfonso, mas supôs ser prudente livrar-se daquilo"(p.161)

No meio do concerto, Alfredo tem a ilusão de que chispas saíam do medalhão que pedira para que Mareia usasse – atuação dos encantados???. Ao fim do concerto muito aplaudido, Alfredo é acometido por uma síncope e morre: "no canto da boca, semiaberta, uma baba branca escorria. (...) ao removê-lo os poros começaram a verter filetes de sangue" (p.167) tal qual ocorrera anos atrás com o seu pai o João Francisco. Finda-se aí a história da família dos Albuquerques. E reinicia-se nesse momento a história vitoriosa da família de Mareia. O que lhes fora tirado, retorna.

Como sucintamente analisado, é possível afirmar que o romance sintetiza aspectos significativos do projeto estético da escritora Miriam Alves. Um projeto perfeitamente em sintonia com marcas também significativas da história da tradição negra na diáspora. Os afetos, os encantamentos, as configurações de reexistência, a ancestralidade, a musicalidade, os desejos, o erótico e a oralidade comparecem sem desprezo nem à criticidade nem ao trabalho estético. *Mareia* pode ser lido como um marco do desejo expor e findar as atuações perversas da colonialidade e por outro lado, a constituição de narrativa (s) das agências de famílias negras na diáspora.

Destaco o poema certidão de nascimento da autora como possível evidência singular do projeto de constituição da escrita poética de Miriam Alves que abarca poesia e narrativa:

Nasci no Brasil
negra saída do útero da noite
coroada pela força de Iansã guerreira nagô
nas mãos a espada de Ogum

carregando na pele senda ancestral
trilhada nas forças de Omolu

Com Exu pratiquei a antropofagia da sobrevivência
mastiguei cultura europeia
engoli espinhos do racismo científico
junto com alguns sapos da democracia racial
e do racismo cordial

Banhei-me sim nas águas de Oxum

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20833
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

e vi ressaltar o brilho das estrelas na minha pele noite
regurgitei excessos
bebi cha das folhas de Jurema da nação Tupinamba

No tropicalismo dos meus versos
residem as minhas afropalavras
minhas afroculturas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. *Mareia*. Rio de Janeiro: Malê,2019.

Cadernos Negros. São Paulo: s/e, 1978, vol.1.

Cadernos Negros. São Paulo: Quilombhoje: 1986 vol. 9.

Cadernos Negros. São Paulo:Quilombhoje, 1988, v. 11.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020;

FREIRE Machado, Albenia & OLIVEIRA, Eduardo Davi de . (2022). Filosofia africano-brasileira: ancestralidade, encantamento e educação afrorreferenciada. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, 2022, *43 (126)*.

GLISSANT,Édouard . *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF,2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. UFMG, 2003.

hooks, bell. *Erguer a voz*, pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Celia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

GONZALEZ, Lelia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Diáspora africana, 2018.

MIRANDA, Fernanda. *Silêncios prescritos;* estudos de romances de autoras negras brasileiras. Malês. 2019.

SOUZA, Florentina da Silva. Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

Xavier et al (org.) *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: s/e. 1987